



ARTIGOS LIVRES

Serva do Senhor: a Teologia Mariana de Martinho Lutero a partir da perspectiva católica

The Servant of the Lord: Martin Luther's Marian Theology from a catholic perspective
Siervo del Señor: la Teología Mariana de Martín Lutero desde la perspectiva católica

Marcial Maçaneiro¹

orcid.org/0000-0003-3085-8588
marcialscj@gmail.com

Thiago Vieira Nogueira¹

orcid.org/0009-0006-3913-3152
thiagofilos@hotmail.com

Recebido em: 20 mar. 2025.

Aprovado em: 25 maio 2025.

Publicado em: 19 dez. 2025.

Resumo: Reagindo ao pensamento mariano da Idade Média, marcado pelo maximalismo devocional, Lutero quis resgatar o perfil evangélico de Maria, mãe de Jesus. Em vários escritos e pregações, reconsiderou a pessoa da Virgem no plano de Deus, a partir da Sagrada Escritura, em atenção à centralidade de Jesus Cristo na obra da salvação. Maria é serva fiel, a quem Deus destinou ser mãe do Filho encarnado. Lutero ponderou também as doutrinas da concepção imaculada e da assunção de Maria à glória celeste, à luz da Bíblia, séculos antes da definição dogmática desses temas por parte do Magistério Pontifício. Coerente com o princípio *sola fide, sola gratia*, o reformador descreveu a mãe de Jesus como exemplo de vida cristã: filha agraciada de Sião, serva disponível, que acolhe e louva a salvação proveniente de Deus em seu Messias. Hoje, uma leitura pneumatológico-eclesial da figura de Maria segundo Lutero evidencia a mãe de Jesus como exemplo de docilidade à graça, consolada pelo Espírito Santo, obediente à Palavra, dedicada a servir e alegre em louvar. A Virgem de Sião não brilha por méritos seus, mas irradia a obra de Deus em sua vida, com virtudes que os demais crentes podem imitar na vida evangélica cotidiana. Por fim, o pensamento mariano de Lutero promove uma hermenêutica da redenção e uma pneumatologia narrativa que aproxima Maria e a Igreja sob o primado da graça.

Palavras-chave: Maria. Lutero. Espírito Santo. Igreja. Reforma Protestante.

Abstract: Reacting to the Marian thought of the Middle Ages, marked by devotional maximalism, Luther wanted to rescue the evangelical profile of Mary, mother of Jesus. In several writings and preachings, he reconsidered the person of the Virgin in God's saving work, based on Holy Scripture, in attention to the centrality of Jesus Christ in the work of salvation. Mary is a faithful servant, whom God destined to be the mother of the incarnate Son. Luther also considered the doctrines of the immaculate conception and the assumption of Mary into heavenly glory, in the light of the Bible, centuries before the dogmatic definition of these themes by the Pontifical Magisterium. Consistent with the principle *sola fide, sola gratia*, the reformer describes the mother of Jesus as an example of Christian life: a favored daughter of Zion, an available servant, who welcomes and praises the salvation that comes from God in her Messiah. Today, a pneumatological-eclesial reading of the figure of Mary according to Luther highlights the mother of Jesus as an example of docility to God's grace, consoled by the Holy Spirit, obedient to the Word, dedicated to serving and joyful in praising. The Virgin of Zion does not shine on her merits, but radiates the work of God in her life, with virtues that other believers can imitate, in everyday evangelical life. Finally, Luther's Marian thought promotes a hermeneutics of redemption and a narrative pneumatology, which brings Mary and the Church together under the primacy of grace.

Keywords: Mary. Martin Luther. Holy Spirit. Church. Reformation.

Resumen: Reaccionando al pensamiento mariano de la Edad Media, marcada por el maximalismo devocional, Lutero quiso rescatar el perfil evangélico de María, madre de Jesús. En varios escritos y predicaciones reconsideró la persona de la Virgen en el plan de Dios, basándose en la Sagrada Escritura, en atención a la



¹ Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil.

centralidad de Jesucristo en la obra de salvación. María es una sierva fiel, a quien Dios destinó a ser madre del Hijo encarnado. Lutero también consideró las doctrinas de la inmaculada concepción y la ascensión de María a la gloria celestial, a la luz de la Biblia, siglos antes de la definición dogmática de estos temas por parte del Magisterio pontificio. Coherente con el principio *sola fide, sola gratia*, el reformador describe a la madre de Jesús como un ejemplo de vida cristiana: una hija agraciada de Sión, una sierva disponible, que acoge y alaba la salvación que viene de Dios en su Mesías. Hoy, una lectura pneumatológico-ecclesial de la figura de María según Lutero destaca a la madre de Jesús como ejemplo de docilidad a la gracia, consolada por el Espíritu Santo, obediente a la Palabra, dedicada al servicio y gozosa en la alabanza. La Virgen de Sión no brilla por sus méritos, sino que irradia la obra de Dios en su vida, con virtudes que otros creyentes pueden imitar, en la vida evangélica cotidiana. Finalmente, el pensamiento mariano de Lutero promueve una hermenéutica de la redención y una pneumatología narrativa, que reúne a María y a la Iglesia bajo el primado de la gracia.

Palabras clave: María. Lutero. Espíritu Santo. Iglesia. Reforma protestante.

Introdução

A Idade Média é caracterizada pelas grandes transformações sociais, econômicas e culturais acontecidas no cenário europeu, como o aumento da população e o renascimento das cidades e do comércio. No âmbito eclesial, a Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero na Alemanha, engendrou uma nova reflexão teológica, fundamentada nos princípios *sola fide, sola gratia* e *sola scriptura*, o que culminou no nascimento das Igrejas Reformadas.

À luz desses princípios, Lutero repensou a teologia católica, incluindo a figura de Maria e seu lugar no projeto salvífico de Deus. A partir dos textos da Escritura, especialmente os Evangelhos, o reformador buscou o perfil evangélico da mãe de Jesus, em muitos aspectos afetado pelo maximalismo mariano dos séculos precedentes. Ao comentar o *Magnificat* de Maria, Lutero concebeu a Virgem como expressão de vida a partir do Espírito, exemplo de adesão à graça de Deus (cf. Lutero, 2015), mulher que experimentou a justificação por graça e fé na obra do Filho Jesus.

Em meio às reações e aos apoios teológicos desencadeados a partir da publicação de suas "95 Teses", condenado e proscrito em Wartburg, Lutero concluiu seu comentário ao *Magnificat* de

María e encontrou nas palavras da "doce Mãe de Deus" acalento e esperança para os conflitos e as perseguições que sofrera. Depois de analisar a perícopa de Lc 1,46-56, o reformador redigiu sua única e importante obra no âmbito da mariologia, na qual, além de apresentar a Virgem como modelo e exemplo aos governantes, indicando-lhes o modo correto de governar, delineou as feições da mãe de Jesus e não hesitou em proferir um juízo negativo acerca das práticas medievais, apontando o modo devido de honrá-la. Para o teólogo, a veneração de Maria não deve limitar-se a práticas externas – como invocações, preces, reverências, fabricação de muitas imagens e construção de capelas –, mas permitir que o coração seja tomado de alegria e prazer em Deus, a exemplo da Virgem, com os mesmos sentimentos que a levaram a cantar o *Magnificat* (Lutero, 2015).

No âmbito da mariologia, Lutero valorizou a dimensão bíblica da figura de Maria em detrimento dos aspectos devocionais tradicionais, bem como analisou o protagonismo mariano na história da salvação a partir de uma releitura dos elementos da Tradição e da dogmática católica, à luz dos princípios afirmados na Reforma Protestante. Nesse sentido, deslocou sua reflexão teológica acerca da mãe de Jesus da esfera devocional para o campo da teologia, observando a estreita união de Maria com o mistério de Cristo. Assim, os temas mariológicos da maternidade divina, da concepção imaculada, da assunção na glória do Céu e da participação na comunhão dos santos são examinados a partir da relação entre Maria e a Igreja, respeitada zelosamente a mediação única de Jesus Cristo. Tais aspectos da teologia mariana de Lutero contribuíram não apenas para sanar os devocionismos que se multiplicavam na Igreja medieval, mas também favoreceram a elaboração de critérios bíblicos para revisar as formas exageradas do culto à Virgem, que tendiam a tornar-se autônomas, sem o explícito vínculo dela com a mediação salvadora do Redentor.

Lutero reconheceu, sobretudo, que em Maria tudo é graça de Deus; logo, nenhum mérito dela mesma está acima ou além da graça divina que a

favoreceu (Lutero, 2015). Em Maria, tudo remete a Deus: seu coração permanece constante em ouvir a Palavra, de modo que Deus pode atuar nele de acordo com Sua vontade, e Maria não extrai para si outra coisa senão consolo, alegria e confiança (Lutero, 2015). Por tal motivo, por reconhecer Maria como mulher agraciada por Deus e serva que louva, Lutero vislumbra no *Magnificat* a ação do Espírito Santo sobre a Virgem na encarnação do Verbo. Ela é mulher santificada pelo Paráclito e Filha de Sião. Com discreta lente pneumatológica, Lutero assevera que Maria deixou-se iluminar e conduzir pelo Espírito Santo (Lutero, 2015); e, sob o prisma eclesiológico, retrata a mãe de Jesus como figura da Igreja, pois nela se cumpriu o mistério da graça que diariamente se realiza na comunidade eclesial (Gherardini, 1967).

A teologia mariana de Lutero: aspectos centrais

Lutero nunca redigiu um tratado específico sobre mariologia. Sua única e importante obra nesse âmbito é o comentário ao *Magnificat* de Maria, em Lucas 1,46-55. Contudo, o pensamento luterano acerca da Virgem não se esgota na referida obra; é possível encontrar referências à mãe de Jesus nos sermões, pregações, homilias e discursos do teólogo alemão.

As afirmações marianas de Lutero surpreendem não somente pelo número, mas também pela riqueza e densidade teológica. Portanto, percebe-se que Maria era uma questão de suma importância para o reformador, dado que a mãe de Jesus ocupa uma posição significativa na compreensão e na piedade forjadas pelas exigências e pelos princípios da Reforma Protestante, sem sobrepujar o conteúdo fundamental para a concepção evangélica da fé. Assim, o pensamento mariano de Lutero oferece critérios contra os exageros e as exorbitâncias do contexto medieval. Em sua teologia, partindo dos princípios *sola fide*, *sola gratia* e *sola scriptura*, Lutero repensou a figura de Maria a partir de cinco perspectivas distintas, como exposto adiante.

Maria unida ao mistério de Cristo

A estreita união de Maria ao mistério de Cristo é fundamental. Para Lutero, a teologia mariana deve permanecer sujeita à cristologia e não a cristologia à mariologia. Partindo desse princípio, Maria não tem uma função soteriológica na obra da salvação, representa unicamente uma figura que denota a condição daqueles que creem. Sua função limita-se exclusivamente ao conteúdo afirmado na Sagrada Escritura e nos Símbolos de Fé.

Como exemplo incidente do mistério de Cristo em Maria, o reformador apresenta a virgindade da mãe de Jesus. Em concordância com a Tradição das Igrejas Católica e Ortodoxa, o alemão permaneceu fiel à verdade de fé que afirma a virgindade da mãe de Jesus tanto no período anterior quanto no posterior ao nascimento do Filho de Deus. Para Lutero, a virgindade não confere a Maria um lugar privilegiado, considerado o fato de que ela não seria virgem senão em vista da redenção operada pelo Filho (Grupo de Dombes, 2005).

À afirmação da virgindade de Maria, Lutero dedicou longos anos de reflexão em seu percurso como teólogo, sobretudo no comentário ao *Magnificat* e nas *Operationes in Psalmos*. Convicto de que a exaltação de Maria não pode ser senão a exaltação do próprio Deus e de Seu Filho, o reformador acolhe a fórmula definida no Concílio de Latrão (649), considerando tal verdade de fé a partir de três aspectos: o primeiro refere-se ao mistério da virgindade de Maria; o segundo, à virgindade maternal; e, por fim, o terceiro, à inalterada integridade física, razão pela qual é conferido à mulher o atributo de Sempre Virgem. Para Lutero, Maria manteve a virgindade porque, como imaculada e mãe, foi objeto da ação onipotente do Espírito Santo. Assim, o reformador contempla, na virgindade da mãe de Jesus, uma das três pérolas brilhantes que adornam a coroa de Maria, juntamente com a imaculada concepção e a maternidade divina (Gherardini, 1967).

Maria, mãe do Deus-Filho

Segundo Lutero, não se pode afirmar nada mais importante sobre Maria do que o seu papel de mãe do Deus-Filho, Jesus. De acordo com o reformador, a magnanimidade do Filho de Deus é a fonte da nobreza e do valor que implica a maternidade de Maria. Por consentir a definição do Concílio de Éfeso (425), Lutero se dirige à Virgem como *Theotókos*, contemplando nesse título a qualificação e o atributo mais sublime da mãe de Jesus, o Verbo encarnado. Com efeito, a maternidade divina de Maria é um dos temas mariológicos mais recorrentes na teologia do reformador.

A argumentação teológica luterana recebe luz das Escrituras e segue a esteira dos Padres da Igreja: dado que Jesus Cristo é o Salvador e a salvação compete exclusiva e especificamente a Deus, Jesus Cristo, portanto, é Deus-que-salva, é o Verbo feito carne para a redenção do mundo – como professa a fé do Novo Testamento. E, sendo a mãe de Jesus Cristo, o Verbo que nela toma carne, Maria é a mãe de Deus-Filho: *Theotókos* ou *Dei genitrix*, no dizer latino (Gherardini, 1967). Acerca disso, Lutero escreve:

As "coisas grandes" nada são senão o fato de Maria ter chegado a ser mãe de Deus. Foram dadas a ela tantas e tão grandes obras, que ninguém as pode compreender. Nisso estão toda a sua honra e bem-aventurança. Por essa razão ela é uma pessoa especial dentre todo o gênero humano. Ninguém se iguala a ela, porque ela tem um filho com o Pai Celeste. E que filho! Ela própria é incapaz de descrever esse acontecimento por ser muito grande. Tem que contentar-se com que irrompa e trabalhe em seu favor, dizendo que são grandes coisas que não se podem esgotar nem medir em palavras. Por isso toda a honra de Maria foi resumida numa única palavra: mãe de Deus. Ninguém pode dizer coisa mais nobre dela e para ela, mesmo que tivesse tantas línguas quanto existem folhas e ervas, estrelas no céu e areia no mar. Também é preciso meditar no coração sobre o que significa ser mãe de Deus (Lutero, 2015, p. 43).

À época da Reforma Protestante, a maternidade de Maria compunha um importante elemento do patrimônio doutrinal, firmemente enraizado no dogma e na consciência cristã, constituindo a mais importante afirmação mariológica da Igreja,

juntamente com a virgindade perpétua da mãe de Jesus. Por esse motivo, Lutero não hesitou em pronunciar-se decisivamente acerca da referida verdade de fé e tornou-se zeloso defensor da maternidade de Maria. Desse modo, afirmou tal conteúdo dogmático com a devida coerência teológica, resguardando com firmeza os pressupostos cristológicos dessa definição. De acordo com o reformador, na maternidade divina de Maria, reside a grande honra da mãe de Jesus, haja vista que todas as demais benevolências e os privilégios a ela concedidos decorrem dessa sua condição. Por meio da maternidade divina de Maria, Lutero orientou a valorização da Virgem não por si mesma, mas pela obra que Deus nela realizou (Gherardini, 1967).

Maria como figura da Igreja

Analisando a teologia mariana por meio da dimensão eclesiológica, Lutero observou determinada analogia entre o destino de Maria e o da Igreja: os sofrimentos da mãe de Jesus remetem às perseguições da Igreja; sua perseverança, à continuidade e fidelidade da Igreja; sua gestação, ao modo pelo qual o Cristo-Palavra habita naqueles que creem. Assim como a dignidade de Maria se manifesta paradoxalmente em sua humildade, o mesmo acontece com a Igreja, que permanece uma Igreja sob a Cruz, imperfeita em seu caráter histórico, institucional e visível. Maria é, portanto, figura da Igreja, não somente por sua qualidade de mãe, mas também pelas demais qualidades apresentadas na Sagrada Escritura: virgindade, obediência, fecundidade, fidelidade, prontidão. Por meio da maternidade divina de Maria e sua relação com a Igreja, a mãe de Jesus torna-se mãe da Igreja, da qual é membro mais eminente, espiritualmente mãe de cada filho da Igreja nascido da água e do Espírito Santo (Grupo de Dombes, 2005).

Por ocasião das celebrações do Natal e das festas marianas, Lutero proferiu diversos sermões, nos quais assinalou a essencial relação entre Cristo e os cristãos. Com semelhante raciocínio, afirmou as consequências fundamentais da maternidade divina e sua relação com a Igreja.

Para o reformador, Maria simboliza o início de uma nova realidade e da humanidade redimida, constituindo-se imagem e expressão da perfeição da Igreja, em sentido representativo. Retrata a nova criação, o novo povo de Deus, que realiza a vocação de Israel e se caracteriza como família dos redimidos, libertos da antiga Lei pelo mandamento novo do Evangelho. A Virgem representa a Igreja, enquanto sua prima Isabel é figura da sinagoga, como declarou Lutero no sermão da Festa da Visitação, em 1523. Segundo o teólogo, Maria é figura exemplar da Igreja e para a Igreja, por sua acolhida e fidelidade à Palavra de Deus: na mãe de Jesus, Lutero vê cumprir-se o mistério da graça que se realiza de forma intensa na Igreja (Gherardini, 1967).

Sobre a concepção imaculada de Maria

A respeito da concepção imaculada de Maria, séculos antes da definição dogmática (dada em 1854, com Pio IX), Lutero examina tal doutrina à luz da relação entre o pecado e a santidade na pessoa da mãe de Jesus. Embora em seus escritos seja possível encontrar referências à concepção imaculada da Virgem, o reformador não ousa grandes afirmações sobre o tema devido à ausência de textos bíblicos explícitos para embasar a proposta (ainda que Ef 1,4 mencione a santidade e a pureza como propósito de Deus para todos os crentes). Por outro lado, suas reflexões – com valorização das virtudes de Maria – deixam a impressão de que Lutero é um zeloso defensor dessa doutrina; afinal, ele evoca os testemunhos da inexistência de pecado em Maria. Contudo, examinando seus escritos com atenção, vê-se que Lutero está convicto de que a condição de *simul iustus et peccator* caracteriza também a mãe de Jesus. O argumento mais importante é não transferir a Maria, como se fosse mérito dela, os efeitos da graça dadivosa de Deus. Desse modo, a isenção do pecado e a perseverança de Maria na santidade não se explicam definitivamente pela concepção imaculada, mas são compreendidas na esfera da doutrina da justificação, como justiça imputadora de Deus para com a mãe do Redentor, que acolheu a graça como serva fiel

(cf. Von Balthasar *et al.*, 1979). Afirma Lutero:

Embora tivesse sido sem pecado, essa graça era tão superior a tudo que, de modo algum, ela era digna dela. Como poderia uma criatura ser digna de ser a mãe de Deus? Alguns escritores falam muito sobre sua dignidade para essa maternidade. Mas eu acredito mais nela própria do que neles. Ela diz que sua nulidade foi contemplada e que Deus não recompensou com isso seu mérito, mas: "Ele me fez grandes coisas" – Ele o fez por iniciativa própria, sem mérito de minha parte (Lutero, 2015, p. 43).

Considerando o pecado das origens como uma privação da justiça original em razão da culpa de Adão e Eva, Lutero afirmou que, precisamente por essa razão, Cristo nasceu de uma virgem por obra do Espírito Santo, sem a participação humana, a fim de não se manchar com o pecado original. A santidade de Maria é obra da graça, a qual opera em previsão da encarnação do Verbo "nascido de mulher" (Gl 4,4). Visto que a Virgem foi concebida naturalmente de um homem e uma mulher, muitos opinaram teologicamente que a mãe de Jesus teria sido concebida no pecado original, porém concordaram com a alegação de ela ter sido santificada logo em seguida, ainda no útero materno. De fato, diferentes argumentos sobre o tema se cruzavam na reflexão teológica dos séculos XIV a XVII. Diante disso, Lutero optou pela doutrina da dupla concepção: a que se deu por meio da união carnal entre os pais de Maria e a que se dá quando – formado o corpo da Virgem no ventre de sua mãe – lhe é infusa a alma por Deus, santificando-a imediatamente.

Lutero parecia acompanhar as discussões e participar do debate, expressando sua opinião progressivamente. A partir de 1528, passou a sustentar que, com a infusão de sua alma por parte do Criador, Maria foi purificada da culpa hereditária, isto é, apesar de ter sido concebida sem a graça quanto ao corpo, foi agraciada quanto à alma (Gherardini, 1967). Esse argumento é hoje estranho, mas seguia a antropologia de herança grega, segundo a qual a pessoa humana é composta de corpo (carnal, mortal) e alma (espiritual, imortal). Lutero reiterava a argumentação teológica de seu tempo.

Maria assumida por Deus na glória do Céu

Quanto à questão da assunção de Maria à glória do Céu, Lutero não demonstra interesse na compreensão tradicional dos argumentos no contexto da época – aliás, quatro séculos antes da definição dogmática do tema, dada em 1950 por Pio XII. Situado no século XVI, o reformador acredita que Maria se encontra junto a Deus, em glória, na comunhão dos santos, e admite durante certo tempo a celebração desse fato na data litúrgica da Assunção (15 de agosto).

Note-se que a falta de uma abordagem teológica mais longa a respeito do tema se deve à ausência de fundamentos bíblicos especificamente atinentes à participação de Maria na glória celeste (ainda que Rm 8,17-23 fale da redenção do corpo e da consequente participação dos fiéis na glória do Céu). Com cautela, Lutero chega a argumentar positivamente, afirmando que o bom teólogo considera a maternidade divina e a concepção imaculada de Maria premissas para admitir que esta foi acolhida por Deus na comunhão celeste, junto ao Filho Jesus e aos demais remidos em glória.

Entretanto, Lutero tenderá a excluir a assunção da Virgem da doutrina e do culto em razão da carência material de base bíblica. Segundo o alemão, tal doutrina – ainda que justificada pelo Magistério eclesial, pela teologia patristica e pela analogia *fidei* – não se poderia sustentar sem uma explícita referência bíblica. Essa é a posição que, enfim, o teólogo adotará. De fato, embora tenha pregado aos fiéis por ocasião das festividades litúrgicas da Assunção, Lutero afirmará, ao término de sua vida, ser contra essa celebração, por julgá-la prejudicial a uma correta compreensão da Ascensão de Cristo (Grupo de Dombes, 2005).

Em boa medida, essa decisão se deve a certa incompreensão do termo e do sentido da assunção, que há de se esclarecer. Note-se que o vocábulo latino *assumptio* não se refere diretamente a alguma subida ou elevação – próprias apenas do Cristo glorioso –, mas é substantivo derivado do verbo *assumere* (assumir). Na gramática teoló-

gica, *assumptio* significa que Maria foi “assumida por Deus na glória celeste” em decorrência da obra da graça (Pio XII, *Munificentissimus Deus*: MuD, n. 44).

De fato, a *ascensio* é predicativo exclusivo de Jesus Cristo, enquanto a Maria se reserva a *assumptio* (Gherardini, 1967). Como dito, o termo latino *assumptio* se refere ao ato de assumir; e, na voz passiva, *assumpta* (assumida) declara a ação de Deus para com Maria, e não uma ação da mulher. Ademais, vale lembrar que, na compreensão católica, se trata de um evento escatológico: a recepção de Maria no Céu glorioso, concluindo o seu percurso na graça (cf. Rm 8,29-30), e não uma subida ao céu atmosférico, como algumas pinturas barrocas poderiam sugerir.

Assim sendo, a impressão de alguma elevação é imprópria ao termo *assumptio*, já que o ato de elevar é próprio do verbo *ascendere* (ascender). A ascensão é atribuída unicamente ao Senhor ressuscitado: “Jesus Cristo, tendo subido ao céu, está à direita de Deus” (1Pd 3,22). Apenas por analogia, na linguagem usual da Teologia da Graça, é que se poderia dizer que Maria foi elevada, santificada ou exaltada por efeito da graça divina nela, visto que a graça eleva a Deus tudo o que assume. Essa é uma analogia espiritual presente na linguagem litúrgica das orações.

Em perspectiva católica, sendo elevada na graça como serva fiel, Maria é assumida por Deus na glória do Céu (*in celeste gloria assumpta*: MuD, n. 44). Desse modo, estabelece-se, na hermenêutica da Assunção de Maria, uma relação entre agraciada na história (cf. Lc 1,28) e assumida na glória (cf. Rm 8,29-30), ações consequentes de Deus na mãe de Jesus.

Maria, o Espírito e a Igreja

Insistindo na centralidade da graça e do agir de Deus em Maria, Lutero redescobriu, à luz da Sagrada Escritura e, especialmente, do *Magnificat* da Virgem, o perfil evangélico da mãe de Jesus, concebendo-a como expressão de vida no Espírito. De fato, nas palavras do teólogo, Maria tem como mestre o Espírito Santo: a partir de sua nulidade, aprende do Espírito que a ação de

Deus consiste em exaltar os humildes e rebaixar os poderosos, abater os presunçosos e erguer os infelizes. É Deus quem cria do nada e valoriza os que nada são, olhando para baixo, ao invés de olhar para cima.

Mulher agraciada

Maria deixou-se iluminar e instruir pelo Espírito Santo: ele revela à mãe de Jesus que Deus age contra os princípios naturais da sociedade e do ser humano, evidenciando Sua liberdade como pressuposto para Sua ação misericordiosa. Assim, Maria passa a ser um exemplo concreto da gratuidade do agir divino: em Maria, a ação de Deus se dá de modo livre, gracioso e generoso (Dreher, 2014). Lutero diz:

Maria, muito louvada, fala de experiência própria. Ela foi iluminada e instruída pelo Espírito Santo. Ninguém é capaz de entender Deus ou a Palavra de Deus se não for com a ajuda do Espírito Santo. Mas de nada adianta essa ajuda se a pessoa não experimenta, sente ou percebe o Espírito Santo. Nessa experiência, o Espírito ensina como em sua própria escola. Fora dela nada se ensina além de palavras soberbas e de conversa fiada. Este é o caso da Virgem Maria. Ela própria experimentou que Deus fez grandes coisas nela, mesmo ela tendo sido uma pessoa sem importância, pobre e desprezada. O Espírito Santo ensina à Virgem esta rica sabedoria: Deus é um Senhor que não faz outra coisa do que engrandecer o que é humilde, de rebaixar o que é grande, enfim, de quebrar o que está feito e de refazer o que está quebrado (Lutero, 2015, p. 13).

De acordo com Lutero, tal agir divino gera o amor e louvor a Deus, de modo que não se pode louvar a Deus sem anteriormente amá-Lo, tampouco amá-Lo sem conhecê-Lo de maneira afável e perfeita. Conhece-se a Deus por meio de Suas obras, reveladas em nós, que as sentimos e experimentamos no concreto do cotidiano; por meio delas, constata-se a predileção de Deus pelos pobres, desprezados, miseráveis, desgraçados e abandonados. Aqueles que nada são tornam-se não somente queridos, mas destinatários das próprias ações divinas. Nisto se manifesta o Espírito Santo: os corações vagos, carentes, frívolos e insignificantes invadem-se de alegria, manifestando a grande estima que receberam

de Deus e em Deus – “Minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito exulta em Deus, meu Salvador” (Lc 1,46-47). A partir do exemplo da mãe de Jesus, Lutero assevera que também os fiéis ficam repletos do Espírito quando têm experiência semelhante à de Maria (Lutero, 2015).

Serva que louva

Consequentemente, o louvor como fruto do Espírito surge como expressão de alegria e gratidão (cf. Gl 5,22-23), ou seja, é o reconhecimento do agir divino na alma que se deixa invadir pela presença de Deus. Com alegria e gratidão, Maria canta o seu *Magnificat*, movida pelo Espírito Santo, louvando a Deus por ter contemplado sua humildade, sua nulidade e seu agir divino na história da salvação da humanidade. Seu louvor a Deus é obra da graça infundida em seu coração, sua vida e seus movimentos. Por tal motivo, Maria reconhece-se engrandecida, mulher reta, justa e bem-aventurada – uma atitude passiva perante a ação de Deus –, admirando-se dos dons com os quais o Senhor a cumulou para ser a Virgem-Mãe de Seu divino Filho. Constatou-se, portanto, os frutos do Espírito a partir das palavras e atitudes expressas por Maria em seu cântico de louvor: humildade, nulidade, alegria, gratidão, reconhecimento. Atitudes próprias de uma serva fiel, como Lucas a apresenta (cf. Lc 1,38). O Espírito Santo faz brotar nos lábios dos pequeninos, entre os quais se encontra a mãe de Jesus, o perfeito louvor a Deus (cf. Sl 8,3).

“O Espírito virá sobre ti” (Lc 1,35)

Em sua vivência da graça, a Virgem experimenta a *paráclisis* do Espírito Consolador. De fato, um dos modos de ação do Espírito Santo em Maria e na vida da Igreja é a consolação (cf. At 9,31), por meio da qual ele derrama o amor de Deus no coração dos fiéis (cf. Rm 5,5), testemunha a filiação divina em favor destes (cf. Rm 8,16), concede socorro na fraqueza (cf. Rm 8,26), justiça, paz e alegria nas adversidades (cf. Rm 14,17), gera frutos naqueles que se deixam por ele conduzir (Gl 5,22-23) e impulsiona para a vivência concreta dos dons e carismas (cf. 1Cor 12-14). Maria saboreia

tal consolação na certeza de que o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias, é o Deus de toda consolação (cf. 2Cor 1,3). Por esse motivo, a Virgem engrandece-o, exulta n'Ele – sente-se extasiada e impulsionada para Sua misericórdia e boa vontade: Maria encontra-se sob a ação consoladora do mesmo Espírito de Deus que trouxe a Vida ao seu ventre (cf. Lc 1,35).

A partir da narrativa evangélica da anunciação do anjo à Virgem (Lc 1,26-38), Lutero destaca a importância da ação do Espírito Santo em Maria, esclarecendo o sentido das expressões “agraciada” (Lc 1,28) e “encontrei graça junto de Deus” (Lc 1,30), usadas pelo evangelista Lucas. Segundo o reformador, somente Deus é “cheio de graça” ou “gracioso” de modo absoluto. Maria recebe a graça de Deus: a mãe de Jesus encontra em Deus a graça da qual é favorecida. A Virgem é, portanto, “enchida de graça”, não simplesmente “cheia de graça”, como dito frequentemente, dado que em Lucas o verbo *kecharitomène* é empregado na voz passiva, indicando Deus como causa ou origem da graça. Maria é receptáculo da graça e dela necessita para ser a mãe santa e virgem do Salvador. Para Lutero, na origem do agraciamento da Virgem por parte de Deus, encontra-se a presença do Espírito Santo em Maria e sobre ela (Gherardini, 1967).

Santificada pelo Paráclito

Posteriormente ao relato da anunciação, o evangelista nos apresenta o episódio da visitação de Maria à sua prima Isabel (Lc 1,39-45). À época da Festa da Visitação, mantida como uma das principais celebrações no calendário litúrgico reformado, Lutero proferiu sermões nos quais esclareceu seu pensamento teológico sobre a figura e o protagonismo de Maria no projeto da salvação. Nessas pregações, o reformador valorizou a ação do Espírito Santo em Maria e em Isabel, aludindo inúmeras vezes ao texto lucano do *Magnificat* (Lc 1,46-55). Como mencionado, Lutero via em Maria a representação da Igreja (o Povo de Deus da nova aliança), ao passo que Isabel representaria a sinagoga (o Povo de Deus da antiga aliança). A partir de tal pericope bibli-

ca, Lutero apresentou Maria como “modelo de devoção cristã”, isto é, “a mais devotada e pura adoradora de Deus” (Gherardini, 1967, p. 251). Afirma Maron:

O interesse reformador de Lutero, consiste, portanto, em eliminar do culto divino e do calendário litúrgico festas e formas abusivas, quer dizer, em dá-las uma orientação cristológica. Por isso, mantém aquelas festas marianas que possuem um fundamento bíblico (a Anunciação, 25 de março; a Visitação, 2 de julho; a Purificação, 2 de fevereiro). Os reformadores colocaram especial interesse, evidentemente, em relacionar estas festas com Cristo, inclusive em celebrá-las como festa de Cristo. Contudo, aproveitavam também estes dias para falar de Maria e de seu significado para os cristãos evangélicos. Maria possuía, realmente, um lugar nestas festas (Maron, 1983, p. 247).

Sendo o Espírito Santo o verdadeiro princípio da vida mística, Maria ensina e exemplifica o que Deus contempla no gênero humano: Ele considera a total insignificância do homem e, diante desta, ao vê-lo pequeno e nulo, concede-lhe sua graça, a qual compreende os dons do Espírito Santo (cf. Lutero, 2015) – “Porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada” (Lc 1,48). A contemplação de Maria por parte de Deus inclui o dom do Espírito dado a ela, como exórdio do favor divino que confere à Virgem a humildade, a nulidade, a pobreza espiritual, a santidade e a alegria – tudo isso como resultado do contemplar de Deus para com Maria. É o Espírito quem comunica a santidade de Deus aos fiéis: ele destrói o pecado e realiza a salvação do ser humano – “Deus vos escolheu desde o princípio para serdes salvos mediante a santificação do Espírito” (2Ts 2,13). Para Lutero, a santidade da mãe de Jesus deve-se totalmente à ação onipotente do Espírito Santo, à qual Maria responde como serva fiel.

Filha de Sião

Tendo por pressuposto o mistério da Encarnação, Lutero relaciona o Verbo de Deus e a Promessa ao Espírito Santo, por isso afirma a presença do Espírito Santo na geração humana do Filho de Deus, nascido da carne e do sangue

de Abraão – a quem Deus prometeu uma descendência – e gestado no seio da “imaculada Virgem Maria”, uma de Suas filhas. A Virgem reconhece, portanto, que se cumpre nela, pela ação do Espírito, a Promessa de Deus feita outrora aos pais: “conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência para sempre!” (Lc 1,55). Nessa relação entre o Verbo e a Promessa, o reformador assevera que o Espírito mantém a unidade entre judeus e gentios, em uma única aliança entre Deus e a humanidade, o que é corroborado pelas palavras do apóstolo Paulo: “Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito” (1Cor 12,13).

Por sua exemplaridade de mulher agraciada – sem méritos –, Maria participa do Corpo místico de Cristo, como membro preeminente da Comunhão dos Santos, de modo a não poder ser compreendida isolada ou fora desta. Por estar inserida no Corpo, cuja cabeça é Cristo, Maria é figura da Igreja por suas qualidades e mãe da Igreja por meio de sua maternidade. Contemplando a mãe de Jesus, Lutero afirma cumprir-se nela o mistério da graça, na qualidade de ação do Espírito Santo, que se cumpre diariamente na Igreja: todos os cristãos são primogênitos da Igreja, como Cristo foi da Virgem; e, como Maria, também a Igreja concebe todos os dias por obra do Espírito Santo, fecundada pelo Sopro de Deus. Pela maternidade de Maria sobre Jesus e a Igreja, o reformador assevera que a Virgem se torna, ainda, mãe daqueles que nascem do Espírito Santo – com Cristo como irmão e Deus como Pai –, afirmando que, se os fiéis guardassem essa esperança, estariam como filhos seguros no ventre da Virgem (Cantalamezza, 1992).

Conclusão

O que aqui foi dito sobre Maria, o Espírito e a Igreja, consoante o pensamento de Lutero, segue como reflexão aberta, a ser iluminada e relida nos novos contextos históricos e teológicos. De fato, o presente trabalho não pretende encerrar a questão, uma vez que os diálogos teológicos católico-luterano e católico-reformado podem

fornecer novos subsídios para o tema, séculos depois da publicação dos comentários de Lutero sobre o *Magnificat*. A tal propósito servirá a leitura atenta de alguns documentos, especialmente *Maria no designio de Deus e a comunhão dos santos* (Grupo de Dombes, 2005), no âmbito evangélico-reformado, e *Maria, graça e esperança em Cristo* (ARCIC, 2005), no âmbito anglicano. Apontamos, enfim, duas perspectivas à guisa de conclusão.

A primeira perspectiva é a hermenêutica – sempre historicamente situada – que referenciou a Virgem Maria tão diversamente na passagem da Patrística para a Idade Média e desta para a Reforma, se quisermos nos conter ao período de produção de Lutero. Novas referências teológicas e culturais vieram do retorno às fontes operado pelo Concílio Vaticano II e do Diálogo Internacional Católico-Luterano, iniciado no pós-Concílio. Mirando especificamente Lutero, é reconhecido seu esforço de interpretar Maria à luz das Escrituras, e não de interpretar as Escrituras à luz de Maria, como pareciam proceder os maximalismos de toda cor e as analogias didáticas de todo efeito, que arriscavam desvincular Maria do conjunto da dogmática, como personagem de exceção quanto à graça, à centralidade de Jesus Cristo e à sacramentalidade da Igreja. É nesse contexto maximalista que cresceu o argumento *De Maria numquam satis* (falar sobre Maria nunca basta).

Lutero foi rigoroso no exame bíblico como fonte autoritativa e suficiente da Revelação Divina. Por isso mesmo, manteve a hermenêutica tradicional sobre a santidade, virgindade e concepção imaculada de Maria – já tratadas por autores patrísticos –, pois encontrou ali sólidos alicerces bíblicos, sem nenhum prejuízo à cristologia. Além disso, sua propensão à mariologia tipológica, com a Virgem-Mãe sempre referida à Igreja-Esposa, decorria duplamente do dado bíblico e do dado patrístico, enquanto argumento dogmático. O que Lutero fez foi manter essa tematização, referenciada pela cristologia e pela eclesiologia, sugerindo, porém, maior sobriedade nas expressões litúrgicas e devocionais a respeito de Maria.

Quanto à assunção, é sabido que Lutero situa-se no contexto dos debates, entre argumentos analógicos e dogmáticos, séculos antes da proclamação do dogma por parte de Pio XII (1950). A respeito, o reformador demonstrou duas preocupações ainda atuais: o fato de não encontrar um fundamento explícito, nas Escrituras, de que Maria tenha sido assumida por Deus integralmente, na glória do Céu; e a possibilidade de que uma insuficiente compreensão da assunção prejudicasse a ascensão régio-messiânica de Cristo – seja por confusão, seja por equiparação entre a ressurreição de Maria (núcleo escatológico da assunção) e a entronização messiânica de Jesus (núcleo escatológico da ascensão). A falta de solução à vista levou Lutero a abandonar paulatinamente o tema, distanciando-se da possível assunção de Maria à glória do Céu, embora recordasse essa data nos cultos dos primeiros anos de sua pregação da Reforma.

Hoje, a questão permanece devedora da hermenêutica – a começar pela gramática do dogma – ao se saber que assunção (*assumptio*) é substantivo derivado do verbo assumir (*assumere*), tendo por participio a forma assumida ou assunta (*assumpta*), que são equivalentes. Essa é uma abordagem escatológica presente nas Escrituras, uma vez que Deus assume aqueles a quem criou e remiu, para congregar todos consigo em Cristo (cf. Ef 1,9-10 e Rm 8,30). Por isso, Jesus vai ao Pai preparar-nos um lugar, para que estejamos com Ele na eternidade (cf. Jo 14,2-4), de modo que – configurados ao Cristo Glorioso – participemos de Sua vida com um corpo glorificado, semelhante ao Seu (cf. Rm 8,17-30). Para os católicos, essa seria a fundamentação bíblica da assunção de Maria, sinal e esperança de que todos os remidos serão assumidos por Deus em Sua glória. Trata-se, portanto, de uma gramática escatológica que inclui os efeitos plenos da graça de Deus em Maria, para celebrar a entrada da Virgem na glória celeste integralmente, não na carne, mas num corpo transformado pelo poder de Deus, finalmente unido ao Corpo do Senhor, conforme a argumentação paulina (cf. Rm 8,24; 1Cor 15,51-53).

Dos esforços de Lutero em preservar a centralidade de Jesus, fica uma lição que, aliás, não é nova: argumentar que *De Maria numquam satis* (falar sobre Maria nunca basta) solicita Cristo como limite ou termo de toda a mariologia, já que – embora Maria seja santa e figura da Igreja – somente a humanidade de Jesus é salvífica e normativa para a vida dos cristãos. Ser salvos é viver conformados a Cristo, "o homem novo, em justiça e santidade" (Ef 4,23-24). Por isso, a mariologia não é um tratado determinante, mas sim um tratado determinado pela cristologia, pela pneumatologia e pela Teologia da Graça, incluindo nesta a sacramentalidade da Igreja. Aí reside a sabedoria de se equilibrar o argumento *De Maria numquam satis* (falar de Maria nunca basta) com outro critério: *De Maria res nostra agitur* (falar de Maria é tratar de nossa humanidade), como diz Hofmans (1964) ao recordar um antigo princípio teológico. A mariologia discorre sobre a humanidade remida, agraciada desde sua criação e destinada à glória eterna no seio da Trindade (cf. Rm 8,30). Em termos simples, a mariologia é um capítulo exemplar da antropologia teológica à luz da graça, que preanuncia o desfecho escatológico de nossa eternidade com Deus – realidade que Maria já experimenta por ter sido liberta da morte e assumida na glória do Céu, conforme creem os católicos e os ortodoxos.

A segunda perspectiva é a pneumatológica, sugerida pela própria Virgem Maria ao interrogar "como será isto, se não conheço homem?" (Lc 1,34). A resposta é uma evidente referência ao Espírito de Pentecostes como pouso da Shekiná: "O Espírito Santo descerá sobre ti; e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra" (Lc 1,35). Afinal, Lucas escreve à luz da Ressurreição e de Pentecostes como eventos já realizados, evidentes na correspondência entre Lucas 1-2 e Atos 1-2, com Maria presente às duas cenas de derramamento ou vinda do Paráclito. Podemos cogitar que a pergunta de Maria – "como será isto?" – não tenha ocorrido apenas naquele instante cronológico, mas assinale o tempo kairológico do percurso de fé da Virgem, como mãe e como discipula do Filho Jesus. Interrogar "como será

isto?" foi essencial para Maria; e encontrar-se com o Espírito que a agracia, fecunda, consola e alegre foi a resposta de sua vida. Maria é, portanto, uma figura profética desde as primeiras páginas de Lucas, mulher sobre quem há um Pentecostes antecipado, não retido nela mesma, mas como Unção copiosa que lhe traz o Verbo Divino – o Ungido por excelência (cf. Lc 4,18-19).

Como dito nas linhas acima, Lutero esteve atento à presença do Espírito Santo na pessoa de Maria, especialmente no relato lucano. O teólogo não discorreu sobre isso à parte, ao modo de um tópico, pois seu tema era o *Magnificat* exposto frase por frase. Mas o reformador fez afirmações importantes, como: Maria é iluminada e instruída pelo Espírito Santo; todos os crentes, quando fazem experiência semelhante à de Maria, ficam repletos do Espírito Santo; o Espírito Santo atuou em Maria para que dela pudesse nascer o Ungido, em cumprimento de Isaías 11,1-5; a alegria que Maria expressa no seu cântico é fruto do Espírito, que a consola; Maria demonstra também coragem ou valentia, por obra do Espírito Santo; além disso, o Espírito Santo consola os piedosos perseguidos e humilhados pela boca de Maria (Lutero, 2015).

Põe-se aqui uma observação a mais: seguindo a mariologia tipológica de Lutero, para quem Maria era figura exemplar da comunidade dos agraciados e justificados, pode-se aplicar à Igreja – por analogia – essa mesma ação do Espírito Santo. Por sua Unção escatológica, também a Igreja é iluminada e instruída "em toda a verdade" (Jo 16,13); também a Igreja é feita mãe fecunda a gerar filhos pela Palavra e pelo Batismo; do mesmo Paráclito, a Igreja recebe consolação, fortaleza e alegria; enfim, por tal Unção, a Igreja se faz profetisa, como Maria em seu cântico (cf. Lc 1,47-55). Em síntese, Lutero apresentou Maria como exemplo de vida no Espírito e, assim, figura da Igreja manifesta em Pentecostes – ocasião em que Maria se fez presente, orando com a comunidade apostólica (cf. At 1,14).

Referências

CANTALAMESSA, Raniero. *Maria: um espelho para a Igreja*. Tradução Lino Rampazzo. 2. ed. Aparecida: Editora Santuário, 1992.

COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA – ARCIC. *Maria, graça e esperança em Cristo*. Tradução Débora Balancin. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção Oikoumene).

DREHER, Martin Norberto. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2014.

GHERARDINI, Brunero. *La Madonna in Lutero*. Roma: Città Nuova Editrice, 1967.

GRUPO DE DOMBES. *Maria no designio de Deus e a comunhão dos santos*. Tradução José Augusto da Silva. Aparecida: Editora Santuário, 2005.

HOFMANS, Florencio. María y la Iglesia. *Teología y Vida*, ls. I], v. 5, n. 3, p. 169-179, 1965. Disponível em: <https://repositorio.uc.cl/handle/11534/16607>. Acesso em: 8 jan. 2024.

LUTERO, Martim. *Magnificat, o louvor de Maria*. Aparecida: Editora Santuário; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015.

MARON, Gottfried. Maria en la teologia protestante. In: KÜNG, Hans; MOLTMANN Jurgen. *Concilium – Maria en las iglesias*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1983. Disponível em: <http://xaire.weebly.com/uploads/9/8/4/2/9842321/maria-en-las-iglesias-concilium.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024. p. 245-257.

PIO XII. Munificentissimus Deus [MuD]. [Vatican.va](https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html), 1950. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html. Acesso em: 26 nov. 2023.

VON BALTHASAR, Hans Urs *et al.* *O culto a Maria hoje*. Subsídio teológico-pastoral elaborado sob a direção de Wolfgang Beinert. Tradução Luiz João Gaio. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979. (Coleção Teologia Hoje).

Marcial Maçaneiro

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG, Roma, Itália). Pós-doutor pela Universidade Católica Portuguesa (UCP, Lisboa, Portugal). Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR, Curitiba, PR, Brasil).

Thiago Vieira Nogueira

Mestre e doutorando em Teologia pela PUCPR (Curitiba, PR, Brasil).

Endereço para correspondência**Marcial Maçaneiro**

Rua Pe. Dehon, 814
Vila Hauer, 81630-090
Curitiba, PR, Brasil

Thiago Vieira Nogueira

Av. Rio de Janeiro, s/n
Centro, 86220-000
Assaí, PR, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.